

## Representações da violência contra mulheres na narrativa seriada *Coisa mais linda* (2019)

Crislaine Alessandra de Lima Scher<sup>1</sup>

Paula Maria Lucietto Dylbas<sup>2</sup>

Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza<sup>3</sup>

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i24.55421>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo a análise da representação da violência contra as mulheres e o feminicídio na primeira temporada da série brasileira da *Netflix: Coisa Mais Linda*, lançada em 2019. A narrativa seriada, ambientada no fim da década de 1950, retrata a história de Maria Luiza Carone – Malu, Lígia Soares, Adélia Araújo e Theresa Soares, que vivem na ficção uma sequência de situações que evidenciam a condição da mulher em uma sociedade regida pelo sistema patriarcal. As análises foram elaboradas a partir de estudos bibliográficos, considerando o contexto histórico, as relações entre cinema, crítica feminista, os estudos de gênero e as múltiplas formas das violências a partir de autores e autoras como Eco (1989), Buonnano (2019), Curi (2021), Lerner (2019), Butler (2003), Bourdieu (2017), e Saffioti (1987). Constatamos que as violências sofridas pelas personagens femininas da ficção podem ser encontradas nos diversos casos de violência de gênero na sociedade contemporânea, representando discursos racistas, sexistas e misóginos contra as mulheres.

**Palavras-chave:** narrativa seriada; violência de gênero; personagens femininas; *Coisa Mais Linda*.

### Representaciones de la violencia contra las mujeres en la narrativa seriada *Coisa mais linda* (2019)

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la representación de la violencia contra la mujer y el feminicidio en la primera temporada de la serie brasileña de Netflix – *Coisa Mais Linda*, estrenada en 2019. El título de la producción audiovisual es un homenaje a la canción “Garota de Ipanema”, de Tom Jobim y Vinicius de Moraes, de 1962, que tiene en la primera estrofa de la letra la expresión “coisamais linda”. La narrativa serial, ambientada a fines de la década de 1950, retrata la historia de

<sup>1</sup> Crislaine Alessandra de Lima Scher. Doutoranda em Letras pelo PPG em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista CAPES. Brasil. E-mail: [crislainealessandra@hotmail.com](mailto:crislainealessandra@hotmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-9740-3660>

<sup>2</sup> Paula Maria Lucietto Dylbas. Doutoranda em Letras pelo PPG em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista CAPES. Brasil. E-mail: [pauladylbas@hotmail.com](mailto:pauladylbas@hotmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-3605-6028>

<sup>3</sup> Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza. Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – Assis/SP). Professora do PPG em Letras – Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Brasil. E-mail: [adrifiuza@yahoo.com.br](mailto:adrifiuza@yahoo.com.br) - <https://orcid.org/0000-0002-8667-4756>

Recebido em 29/07/2022, aceito para publicação em 02/02/2023 e disponibilizado online em 01/03/2023.

Maria Luiza Carone – Malu, Lígia Soares, Adélia Araújo y Theresa Soares, que viven en la ficción una secuencia de situaciones que muestran la condición de la mujer en una sociedad regida por el sistema patriarcal. El trabajo fue elaborado a partir de estudios bibliográficos, considerando el contexto histórico, las relaciones contemporáneas entre el cine, la crítica, los estudios de género y las múltiples formas de violencia, desde autores como Eco (1989), Buonnano (2019), Curi (2021), Lerner (2019), Butler (2003), Bourdieu (2017), Saffioti (1987). Concluimos que la violencia que sufren los personajes femeninos en la ficción se puede encontrar en los diversos casos de violencia de género en la sociedad contemporánea, representando discursos racistas, sexistas y misóginos contra las mujeres.

**Palabras clave:** narrativa serial; violencia de género; personajes femeninos; *Coisa Mais Linda*.

### Representations of violence against women in the serial narrative *Coisa mais linda* (2019)

**Abstract:** This article aims to analyze the representation of violence against women and the femicide in the first season of the Brazilian Netflix series – *Coisa Mais Linda*, released in 2019. The title of the audiovisual production is a tribute to the song "Garota de Ipanema", by Tom Jobim and Vinicius de Moraes, from 1962, which has, in the first verse of the lyrics, the expression "coisa mais linda". The serial narrative, set in the late 1950s, portrays the story of Maria Luiza Carone – Malu, Lígia Soares, Adélia Araújo and Theresa Soares, who live in fiction a sequence of situations that show the condition of women in a society ruled by patriarchal system. The analyzes were drawn up from bibliographic studies, considering the historical context, the relationships between cinema, feminist criticism, gender studies and the multiple forms of violence from authors such as Eco (1989), Buonnano (2019), Curi (2021), Lerner (2019), Butler (2003), Bourdieu (2017), Saffioti (1987). We found that the violence suffered by female characters in fiction can be found in the various cases of gender violence in contemporary society, representing racist, sexist and misogynistic discourses against women.

**Keywords:** serial narrative; gender violence; female characters; *Coisa Mais Linda*.

### Representações da violência contra mulheres na narrativa seriada *Coisa mais linda* (2019)

#### Introdução

A plataforma de *streaming Netflix* tem focado na produção de séries originais em diversos países, inclusive no Brasil, devido ao seu grande engajamento ao disponibilizar o serviço de *vídeo on demand* (VOD)<sup>4</sup>.

<sup>4</sup>Em português, significa vídeo sob demanda. Trata-se de um sistema que armazena vídeos, que podem ser escolhidos conforme o interesse do espectador, sem a necessidade de ter um horário fixo em uma programação em um canal. Os maiores exemplos de VOD

Segundo um estudo realizado pelo site *Comparitech* (2020), o Brasil é o terceiro maior mercado mundial da *Netflix* e dispõe da segunda maior base de assinantes pagos – cerca de 16 milhões, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Portanto, torna-se cada vez mais comum que recursos sejam direcionados para as produções

são a *Netflix*, o *Youtube* e a *Amazon Prime Video*.

nacionais na plataforma, como é o caso das séries já produzidas: 3% (2018); *Irmandade* (2019); *Sintonia* (2019); *Bom dia, Verônica* (2020); *Coisa Mais Linda* (2019); dentre outras.

A cultura de "maratonar" séries na era digital perpassa as dimensões do individual e do coletivo, causando um engajamento dos seus espectadores que, ao assistirem os episódios, utilizam do meio tecnológico para discutir entre si os temas e as problemáticas abordadas pela narrativa; tais ações ocorrem em redes sociais, *sites*, *blogs* e outras plataformas digitais. Nessa perspectiva, os assinantes assumem um papel ativo no cenário de debate, pois compartilham ideias, elaboram teorias diversas sobre os assuntos tratados e buscam conhecimento a respeito do que é visto nas telas.

As temáticas que emergem das séries brasileiras são bastante variadas, abordando política, folclore, música, cultura, violência, racismo etc. Desses temas, alguns ganham destaque no cenário atual, como por exemplo, a violência e as suas facetas, que a cada dia atingem mais pessoas, principalmente, as mulheres.

Conforme Cerqueira *et. al.* (2021), no Atlas da Violência, 3.737 mulheres foram assassinadas no Brasil em 2019. Nessa perspectiva, duas séries em específico versam sobre a violência de gênero - *Coisa Mais Linda* (2019), dirigida por Caíto Ortiz, Hugo Prata e Julia Rezende e *Bom dia, Verônica* (2020), sob a direção de José Henrique Fonseca, Izabel Jaguaribe e Rog de Souza.

Para o artigo, propomos o estudo e análise de *Coisa Mais Linda* (2019), haja vista que aborda temas que nos interessam particularmente, como as múltiplas formas de violências contra as mulheres, e que se articulam com nossas pesquisas acadêmicas. A série brasileira *Coisa Mais Linda* (2019), produção original da *Netflix*, foi criada por Giuliano Cedroni e Heather Roth, apresentando duas temporadas - uma com sete e a outra com seis episódios. O título da produção é uma homenagem à música "Garota de Ipanema", canção de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, de 1962, que tem, no primeiro verso da letra, a expressão "coisa mais linda". Lançada em 2019, a narrativa seriada, ambientada no fim da década de 1950, retrata a história de Maria Luiza Carone – Malu (Maria

Casadevall), paulista que se muda para o Rio de Janeiro e tem muitas ambições para uma mulher que vive em meados do século XX. Ela e suas amigas – Lígia Soares (Fernanda Vasconcellos), Adélia Araújo (Pathy Dejesus) e Theresa Soares (Mel Lisboa) – vivem, na ficção, uma sequência de situações que evidenciam a condição da mulher em uma sociedade regida pelo sistema patriarcal.

Imagem 1 – Cartaz da série *Coisa Mais Linda*



Fonte:

<https://cdn.falauniversidades.com.br/wp-content/uploads/2020/07/20110243/Coisa-Mais-Linda-poster.jpg>.

Lerner (2019) explica que o alicerce do sistema patriarcal é uma espécie de contrato com uma base na troca: ao mesmo tempo em que o homem oferece sustento e amparo, a mulher oferta sujeição, prestação sexual e serviço doméstico sem

remuneração. Em consonância com essa ideia, Saffioti (1987) reitera que por trás do discurso enraizado de que “lugar de mulher é em casa”, existe uma potente falta de oportunidades para as mulheres. A estudiosa prossegue mencionando que “Ao se atribuir a elas [as mulheres] a responsabilidade praticamente exclusiva pela prole e pela casa, já se lhes está, automaticamente, reduzindo as probabilidades de desenvolvimento de outras potencialidades de que são portadoras” (SAFFIOTI, 1987, p. 14). Dessa forma, Malu, Lígia, Adélia e Theresa são mulheres que experimentam inúmeras situações de violência pelo fato de pertencerem a um gênero histórico e socialmente inferiorizado.

Em sua primeira temporada, o desenrolar da narrativa se dá a partir da chegada de Malu ao Rio de Janeiro, no ano de 1959, para se encontrar com o marido – Pedro (Kiko Bertholini), com quem abrirá um restaurante na capital carioca. No entanto, ele não está no apartamento nem no suposto restaurante e acaba não aparecendo na trama durante a primeira temporada. Malu, que já é amiga de Lígia, conhece Adélia e

Theresa e suas vidas se conectam ainda no primeiro episódio.

Neste texto, pretendemos analisar a representação da violência contra as mulheres na primeira temporada da série original Netflix – *Coisa Mais Linda* (2019), com o intuito de verificar quais são os tipos de violência existentes contra as mulheres e de que maneira os discursos racistas, machistas e misóginos atingem as personagens femininas. Para tanto, utilizaremos como base teórica as discussões promovidas por Eco (1989), Buonnano (2019), Curi (2021), Lerner (2019), Butler (2003), Bourdieu (2017), Saffioti (1987), entre outros. Antes de entrar especificamente na análise da representação da violência de gênero presente na série, abordamos, ainda que de maneira breve, sobre o gênero narrativas seriadas para que possamos contextualizar sua própria produção artística e o alcance dos serviços de *streaming online* no mercado de conteúdo audiovisual. É o que passamos a desenvolver na próxima seção.

## Narrativas seriadas

As narrativas seriadas têm se tornado um tipo de produção fílmica que está ganhando destaque no mundo do entretenimento, pois conseguem chegar ao público de maneira rápida, por meio de aparatos tecnológicos. A cibercultura propicia que uma parcela significativa de sujeitos possa ter acesso à internet e aos seus recursos, por isso as grandes empresas no ramo estão cada vez mais interessadas em produzir materiais que possam ser alcançados por meio digital. Curi (2021, p. 81) assevera que:

Se os comportamentos e práticas de consumo dos espectadores mudaram ao longo dos anos, o mercado fez de tudo para acompanhar essas transformações e oferecer, em todos os espaços possíveis, novos produtos e narrativas, como forma de atender, e também de explorar, todas essas expectativas do público.

Uma das plataformas que se destaca nesse meio é a *Netflix*, principal líder mundial na área de *streaming*, que produz diversas séries originais, como já mencionado, e exhibe séries produzidas por outros canais televisivos. Vivendo em um mundo digital, globalizado e competitivo, a

rapidez e a agilidade se fazem critérios básicos na área cinematográfica.

Os sujeitos passaram a ter consigo sempre um dispositivo com acesso à internet, podendo assistir a filmes e a séries em qualquer local: no ônibus, em casa, na faculdade, no parque, no trabalho etc. Essa nova experiência propiciou o surgimento da cultura de "maratonar", isto é, o espectador pode assistir "a uma ou mais temporadas inteiras de séries de televisão em um curto período de tempo, por meio de sessões imersivas" (BUONANNO, p. 46, 2019). Ainda sobre o termo "maratonar", Saccomori (2016) assevera que o consumidor, além de assistir ao conteúdo em sequência, engaja-se na narrativa pelo tempo que quiser, e isso, portanto, transforma e amplia a sua experiência narrativa/televisiva.

Ademais, as séries advindas de plataformas de *streaming* fazem mais sucesso entre os usuários porque eles podem criar um perfil dentro da plataforma, determinando o seu gosto entre os diferentes gêneros e tendo a seu dispor um catálogo com diversos títulos. Dessa forma, os espectadores acompanham quando quiserem e não dependem de uma programação

estipulada, podendo pausar os episódios e continuá-los em outro momento.

Sob essa ótica, Buonanno (2019) denomina como "paradigma *Netflix*" as alterações acontecidas nas formas de consumir as séries, uma vez que elas são produzidas em função da demanda e em etapas de modo premeditado. Nas narrativas seriadas advindas de plataformas de *streaming*, as séries são produzidas e criadas a partir dos resultados do engajamento do público com a própria companhia produtora. No caso da *Netflix*, a empresa possui diversas redes sociais no ciberespaço, como páginas no *Facebook*, no *Instagram* e no *Twitter*, nas quais interage e divulga os seus materiais e, desse modo, consegue verificar quais são as reações do coletivo e quais temas estão em alta.

De acordo com Ede (2015) uma característica marcante desse novo modelo de produção audiovisual é que as séries são disponibilizadas, na grande maioria das vezes, na íntegra, ou seja, o usuário tem acesso a todos os episódios de uma só vez, além disso não há interrupção por meio de propagandas ou comerciais, essa definição é chamada pela autora de

*Bing-Publishing*. Essa nova configuração no modelo de entretenimento gera uma experiência de imersão para o usuário, pois ele pode passar mais de 6 horas seguidas assistindo a série, não há uma interrupção programada por um agente externo no fluxo da narrativa. Quem decide quando e onde pausar o episódio é o próprio usuário.

O que permanece na estrutura narrativa das séries, conforme Eco (1989, p. 123), na atualidade, é que “temos uma situação fixa e um certo número de personagens principais da mesma forma fixos, em torno dos quais giram personagens secundários que mudam, justamente para dar a impressão de que a história seguinte é diferente da anterior”. Para Eco (1989), a serialidade pode ser vista de duas maneiras, de um lado emerge a repetição, que carrega consigo aquilo que já foi visto, como uma espécie de eco; do outro surge a inovação, que é aquilo que une, de maneira criativa, dois ou mais elementos, estruturando algo “novo”.

Portanto, apesar de existir uma repetição no modelo de narrativa seriada, a existência desse tipo de produção precisou ser renovada, pois

na contemporaneidade há uma mescla de mídias que fluem e convergem para a experiência narrativa como um todo. Não é apenas olhar para a história que está sendo contada, mas pensar em como essa narrativa ficcional é projetada para fora das telas e como ela reverbera entre os usuários. Quando a narrativa seriada toca em temas sensíveis à sociedade, essa reverberação pode ser ainda maior. Não é sem motivo que a maioria dessas narrativas abordam temáticas que estão sendo discutidas na atualidade. *Coisa Mais Linda* (2019) é uma delas. Ao tematizar a violência de gênero em suas mais variadas formas, a série atrai o público espectador e, ao mesmo tempo, proporciona a exibição de cenas contendo violências que as mulheres sofrem desde tempos imemoriais. A seguir, refletiremos sobre esses abusos que subalternizam e oprimem as mulheres.

### **Violências**

Discutir a respeito da violência requer refletir sobre o que ela significa. Teles e Melo (2002) afirmam que é um modo de limitar a autonomia de alguém, coibindo e afrontando tanto moral, quanto fisicamente. Atentando

para essa ideia, a violência contra as mulheres, muitas vezes denominada violência de gênero, conforme as mesmas autoras, precisa ser compreendida como uma forma de domínio e de subordinação. Nesse sentido, ressaltamos que a ampliação da discussão dessa problemática cresce também no âmbito artístico e cultural, como se observa na produção literária, no cinema, na canção, nas artes visuais, por meio de obras recentes que tocam no tema das violências contra as mulheres.

Com o intuito de dar mais visibilidade para a temática, empresas do ramo do entretenimento passaram a abordar o tema em suas produções e a *Netflix* é uma delas. A expansão do gênero seriado abriu espaço para narrativas com temas atuais e que retratam aspectos do cotidiano de seus espectadores. Esses maratonam as séries, pois se veem representados na tela, sentem empatia pelas personagens que fazem parte da narrativa ficcional. De acordo com Murray (2003, p. 10):

A arte narrativa baseada em formatos procedimentais, participativos, enciclopédicos e espaciais pode incrementar nosso repertório de ações, alargar os modelos pelos quais

aprendemos e interpretamos o mundo, transformar os modos pelos que pensamos uns nos outros e como nos tratamos mutuamente.

Portanto, a narrativa seriada pode contribuir para que os sujeitos reflitam sobre as situações ficcionais e verifiquem que tais fatos também ocorrem fora das telas, levando-os, possivelmente, a repensar atitudes e ações. Na série *Coisa Mais Linda* (2019), os diversos tipos de violência contra as mulheres transitam pela narrativa, dentre os quais se destacam a violência física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. De acordo com Alemany (2009, p. 271),

As violências praticadas contra as mulheres devido ao seu sexo assumem múltiplas formas. Elas englobam todos os atos que, por meio de ameaça, coação ou força, lhes infligem, na vida privada ou pública, sofrimentos físicos ou psicológicos com a finalidade de intimidá-las, puni-las, humilhá-las, atingi-las na sua integridade física e na sua subjetividade.

No Brasil, esses tipos de violências estão previstos na Lei Maria da Penha<sup>5</sup> (Lei nº 11.340); o art. 5º

---

<sup>5</sup> A Lei Maria da Penha foi sancionada em 7 de agosto de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Com 46 artigos distribuídos em sete títulos, ela cria mecanismos para prevenir



classifica a violência doméstica e familiar contra as mulheres como "qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial" (BRASIL, 2006).

Ademais, outros tipos de violência também são abordados na série, como por exemplo, a violência institucional, estimulada pelas desigualdades de gênero, étnico-raciais, econômicas etc. À vista desse tipo de violência, o Conselho Nacional de Justiça - órgão que atua no aperfeiçoamento do sistema judiciário brasileiro - define que "essas desigualdades se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades".

Outra forma de violência é a que não se caracteriza por lesões

---

e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher em conformidade com a Constituição Federal (art. 226, § 8º) e os tratados internacionais ratificados pelo Estado brasileiro (Convenção de Belém do Pará, Pacto de San José da Costa Rica, Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem e Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher). (INSTITUTO MARIA DA PENHA)

corporais, que não demonstra um dano físico externo ao violentado e é denominada por Bourdieu (2017) como "violência simbólica", uma vez que afeta as vítimas em seu íntimo. Para o sociólogo, a violência simbólica é constituída a partir das estruturas de dominação, e estas, por sua vez, se desenvolvem e evoluem por meio de um trabalho constante de agentes específicos, como por exemplo, família, igreja, estado, escola, dentre outros.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 2017, p. 46).

Nesse sentido, compreendemos que esse tipo de violência contra as

mulheres é concebido em ambientes opressores por diferentes modos. Ela ocorre pelo fato de mulheres serem mulheres, acontece também por serem mulheres pobres, por serem pretas, por serem gordas etc.; são inúmeras as características físicas e/ou sociais que tornam as mulheres um alvo. Consonante ao tema, Saffioti (1987, p. 16) reitera que

[...] a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial. [...] Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres.

Ressaltamos que é a partir da escrita de algumas obras de autoria feminina e do surgimento das denominadas ondas feministas que houve uma maior preocupação em discutir a respeito das desigualdades existentes entre os gêneros e a violência contra as mulheres. Nessa perspectiva da história dos feminismos, destacam-se algumas vozes que foram as precursoras da luta das mulheres, como Christine de Pizan em 1405 com a publicação de *A cidade das damas* e Marie le Jars de Gournay, a quem se atribui a publicação de *Escritos sobre a*

*igualdade de homens e mulheres* de 1622. Ainda no século XVIII, Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft também deram sua contribuição com *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã* e *Reivindicação dos direitos da mulher* respectivamente (BARRANCOS, 2022, p. 22).

Posteriormente, surge a primeira onda feminista nos Estados Unidos e na Europa por volta da segunda metade do século XIX, durando até o início do século subsequente (MCMCANN, 2019). As principais pautas desse momento inicial são o sufrágio e o direito à educação. Já a segunda onda ocorreu entre os anos de 1960 e 1980, é o chamado feminismo clássico, que defendeu a luta contra a opressão masculina, tendo por influência teórica a obra de Simone de Beauvoir. A segunda onda é representada pelos movimentos de mulheres do hemisfério norte, que surgem para reivindicar seu espaço, disseminando também para outros contextos culturais, como o da América Latina, sob muitas ditaduras militares (ZIRBEL, 2021).

Já a terceira se iniciou na década de 1990, como uma

necessidade de se rediscutir o próprio movimento feminista, na busca de recuperar discussões anteriores que pareciam ter se resolvido com as ondas anteriores, embora a realidade de muitas mulheres não fosse igual, a exemplo das mulheres latino-americanas. Neste caso, estas tiveram que “seguir lutando por direitos mínimos de cidadania”, enquanto as do contexto europeu e norte-americana avançavam em outras pautas de direitos (ZIRBEL, 2021, p. 23).

A quarta onda é citada contemporaneamente, a partir de 2010, em consequência de protestos sucedidos tanto presencialmente quanto por meio da internet e das redes sociais. É um movimento marcadamente jovem, coletivo e com forte atuação em plataformas digitais como Facebook, Instagram, YouTube, etc, com capacidade de grande mobilização. Além disso, propicia discussões no que se refere à interseccionalidade, trazendo para o centro das questões “diversos marcadores sociais, como gênero, raça e classe social” (PEREZ; RICOLDI, 2019, p. 2).

Enfatizamos que não discorremos aqui sobre as ondas em profundidade porque esse não é nosso objetivo no artigo, entretanto, consideramos ser importante ao menos mencionar a existência das ondas como uma forma de contextualizar a luta das mulheres, que envolve também o enfrentamento da violência. É necessário deixar o registro de que outras mulheres nos antecederam para que chegássemos a alguns avanços na atualidade, como a aprovação de leis que protegem as vítimas de violência, embora isso não signifique que não haja muito o que fazer para combater o feminicídio e outros tipos de violência contra as mulheres.

Observamos, outrossim, o que expõe Colling (2019) acerca da disparidade entre os gêneros ocorrida amiúde:

O discurso da inferioridade feminina estava tão arraigado na estrutura da vida das mulheres e dos homens que poucos o questionaram. A maioria das mulheres acomodava-se na instituição familiar dominada pelos homens, que lhe garantia subsistência, oferecia-lhe um companheiro para toda a vida e fornecia um sentimento de proteção frente ao cotidiano da vida. Vivendo para seus maridos, esquecidas, esqueciam de

pensar sobre si mesmas (COLLING, 2019, p. 46).

Com o excerto, percebemos que a subordinação de mulheres sempre foi comum nas relações familiares e socialmente aceita. Logo depois da criação de movimentos feministas em diversos países, da instituição de estudos, de fóruns internacionais sobre a vivência das mulheres na sociedade tanto na vida privada quanto na pública, passou-se a discutir com maior ênfase a falta de igualdade e a questão das mulheres em situação de violência. Desse modo, também houve e ainda há uma preocupação em retratar tais assuntos em telenovelas, filmes e séries, como em nosso objeto de análise – *Coisa Mais Linda* (2019), cujas violências contra as mulheres se apresentam por meio das vozes das personagens femininas principais. Na sequência, analisamos estas personagens e suas trajetórias.

### **Discursos de ódio: as manifestações de violência contra as mulheres**

O início da série *Coisa Mais Linda* (2019) ocorre com uma cena

noturna de Réveillon, em uma praia no Rio de Janeiro, com uma mulher desconhecida colocando no mar uma oferenda a Iemanjá; além das ondas, a voz da atriz que interpreta Malu é ouvida declamando um trecho da música "Samba da Bênção", composta por Baden Powell e Vinicius de Moraes, e lançada em disco em 1967:

[...] Uma mulher tem que ter qualquer coisa além de beleza / Qualquer coisa de triste / Qualquer coisa que chora / Qualquer coisa que sente saudade / Um molejo de amor machucado / Uma beleza que vem da tristeza de se saber mulher [...].

Com o excerto, notamos que a mulher é evidenciada já no começo da narrativa seriada, o que se comprova com o desenrolar dos episódios.

Na sequência, depois da abertura, Malu desembarca no Rio de Janeiro e, após pegar um táxi, chega ao endereço do prédio onde seu marido estaria. Há, então, uso do recurso de *flashbacks* e ela relembra a noite anterior – em que estava ainda em São Paulo em uma festa de despedida, já que no dia seguinte iniciaria uma nova vida ao lado do companheiro, que havia se mudado anteriormente para organizar a inauguração de um restaurante em

que ambos trabalhariam. É nesses momentos de retrospecto que Lígia aparece pela primeira vez em companhia de seu marido, Augusto Soares (Gustavo Vaz). A cena, que se passa ainda nos primeiros minutos do episódio 01, já aponta para indícios de agressividade, visto que Augusto adverte Lígia para o consumo de bebidas e exige que ela mantenha um sorriso no rosto devido às possíveis relações de negócios a serem estabelecidas no evento.

Além disso, descobrimos, enquanto espectadores, que Lígia gosta muito de música e costumava cantar, porém parou depois que se casou. Malu afirma que a amiga possui uma voz que chama a atenção, em seguida o marido de Lígia esboça um sorriso sem graça. Outra cena que merece destaque é um pequeno gesto de subversão de Malu quando se encontra com Ester Carone (Ondina Clais Castilho), sua mãe; a matriarca trocou de vestido porque seu marido não aprovou o primeiro, Malu, então, dá a entender que a obediência é o que mantém o casamento de 30 anos de seus pais.

Mais adiante, Malu descobre que Pedro, seu marido, não está com

o restaurante pronto para a inauguração e que tem mentido para ela e para a sua família. No apartamento do casal, no Rio, ela encontra um bilhete com uma marca de batom, indicando que o cônjuge esteve com outra mulher. Em um momento de ódio e raiva, por ter sido enganada, a personagem começa a atear fogo nos pertences de Pedro, gerando uma chama enorme, que chama a atenção dos vizinhos - momento em que entra em cena Adélia, que apaga o fogo. Adélia é uma mulher negra e mãe solo que mora no morro com a sua filha e com a sua irmã mais nova, trabalha como empregada doméstica para uma madame em uma região bem localizada da capital carioca.

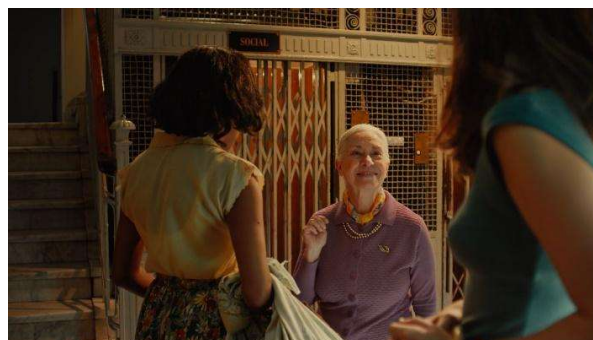
Na sequência, aparece um dos primeiros momentos de sororidade da série, no qual Adélia oferece um prato de sopa para Malu, pois percebe que ela está muito abalada com as descobertas sobre o marido. Mesmo sem conhecê-la, Adélia se compadece pela situação que Malu está vivenciando, segurando sua mão e confortando-a. Ainda perturbada com o fato e sobre a sua nova vida no Rio de Janeiro, Malu procura Lígia para

contar sobre os acontecimentos e, nessa ocasião, conhece a jornalista Theresa, cunhada de Lígia. Com isso, a vida de Malu conecta-se às três personagens femininas e juntas delineiam a trama da narrativa.

Um dos principais tipos de violência que emerge constantemente na série é a violência psicológica, que se caracteriza por provocar danos emocionais à vítima, sendo causados por chantagens, ameaças, manipulação, humilhação, perseguição, insultos, dentre outras situações. Adélia é uma das personagens que constantemente é humilhada, chantageada e ameaçada por conta de seu gênero (mulher), cor (preta) e classe social (pobre). Ela precisa esconder da patroa que tem uma filha, pois uma empregada boa e que não falta no trabalho não pode ter filhos. Isso se dá devido ao pensamento tradicional de que caso precisasse se ausentar, causaria incômodos e transtornos para a empregadora. Além disso, o elevador de serviço está sempre quebrado, obrigando Adélia a usar as escadas para subir até o apartamento em que atua, em razão de ela ser uma empregada mulher e negra – o que

poderia causar constrangimento aos moradores do edifício.

Imagem 2 – Episódio 02 – “Garotas não são bem-vindas” – 6min2s



Fonte: *Netflix*

Em outros momentos da série, Adélia juntamente com Malu, não são vistas pelas demais personagens como capazes de serem proprietárias de um Clube de Música. Malu é desencorajada pelo pai ao contar sobre a sua ideia de abrir o seu próprio negócio; para Ademar Carone (João Bourbonnais), a filha não tem competência para dirigir um empreendimento sozinha, sem a presença de um homem. Além disso, na visão dele, uma mulher de respeito e de família jamais deveria se submeter a tal situação. Lerner (2019), por conseguinte, expressa a ideia de que as mulheres sempre colaboraram para a construção do processo da própria submissão, devido ao fato de

serem constantemente talhadas a interiorizar o pensamento de que são inferiores.

Ao transitar pelas histórias das personagens femininas da série, deparamo-nos com Theresa, que trabalha em uma revista voltada ao público feminino – *Ângela* – e é comandada por homens. No episódio 02, em que ela aparece em seu ambiente de trabalho, questiona o chefe acerca da contratação de um novo funcionário, também homem, que escreverá sobre assuntos relativos às mulheres. De acordo com seu superior, Paulo Sérgio (Rodrigo Candelot), “Homem é mais focado, mais profissional, menos emotivo”. Apesar de a revista ser feminina, a personagem masculina afirma que não existe um “mundo feminino” e que o mundo é um só. Na cena, observamos o comportamento machista perpetrado pela sociedade da época e propagado até a contemporaneidade. Theresa, nitidamente, se mostra feminista e revolucionária devido aos seus comentários, declarando que as normas existentes foram concebidas pelos homens.

Imagem 3 – Episódio 02 – “Garotas não são bem-vindas – 10min11s



Fonte: *Netflix*

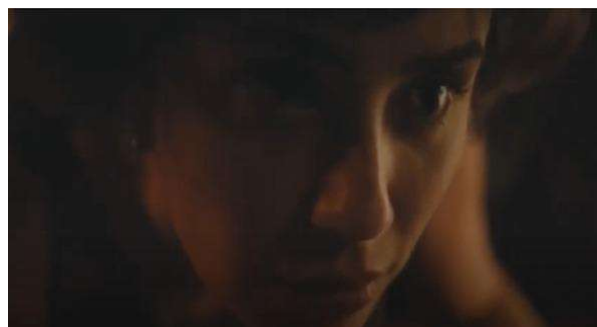
Martínez (2011) indica que a violência simbólica contra as mulheres é engendrada a partir da disseminação de mensagens de dominação alaistradas socialmente. Três aspectos são mais comuns, conforme a autora: “1) *el desprecio y la burla por lo que son y/o hacen las mujeres*; 2) *el temor o desconfianza por lo que son y/o hacen las mujeres*, y 3) *la justificación de la subordinación femenina y/o de la violencia contra las mujeres*”. (MARTÍNEZ, 2011, s. p.). Nesse sentido, Malu, ao tentar uma sociedade com Roberto (Gustavo Machado), é incentivada, por ser uma mulher bonita, a aproveitar a estadia no Rio de Janeiro, a esquecer a ideia do clube de música noturno e a deixar o trabalho administrativo/burocrático – “a parte chata”, nas palavras da personagem masculina – para os homens.

Ainda no episódio 02, Theresa protagoniza outra cena importante para o debate da violência simbólica e da desigualdade de gênero, no espaço profissional da revista em que atua. Em novo diálogo com Paulo Sérgio, ela manipula a contratação anteriormente discutida, apresentando duas opções - um homem e uma mulher - para o cargo de repórter. Theresa faz o chefe decidir por Helô (Thaila Ayala), argumentando que uma mulher custaria muito menos, em virtude de que o pagamento feminino é inferior ao do homem. Outro fator que contribui para a decisão do chefe é o de que Helô é muito bonita e, de acordo com a fala dele: "Acho que não vai fazer mal ter mais um rabo de saia para decorar o ambiente". Uma dessas visões inconcebíveis, centrada na desvalorização do trabalho da mulher, é ressaltada por Saffioti (1987, p. 16-17):

A situação mais frequente no campo do trabalho é aquela que reúne homens e mulheres sob o comando de homens. A sujeição feminina é mais profunda que a masculina, o que pode ser averiguado através de vários aspectos. Primeiro, os padrões pagam menos às empregadas mulheres, mesmo quando elas desempenham as mesmas tarefas que os homens [...].

Assim, percebemos que a situação de desproporção salarial entre os gêneros sempre existiu e se perpetua mesmo na sociedade contemporânea. Saffioti (1987) também colabora com a reflexão acerca da dominação masculina em relação às escolhas da mulher na sociedade patriarcal, mencionando que, na grande maioria das vezes, a mulher é compelida a vivenciar e se incorporar à comunidade do marido. Nesse sentido, na sequência da narrativa seriada, Lígia, chega em casa após uma noite com Malu e Theresa, conta ao marido sobre o seu desejo de continuar cantando, pede permissão para cantar em seus futuros comícios e acaba sofrendo a primeira cena de violência física da trama. Augusto dá um tapa no rosto de Lígia, que cai no chão e permanece deitada, ferida física e psicologicamente.

Imagem 4 – Episódio 02 – "Garotas não são bem-vindas" – 41min56s

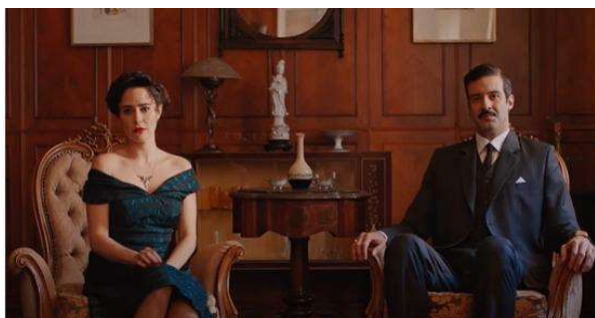


Fonte: *Netflix*



Para discutir a condição de Lígia enquanto cantora, destacamos o estudo de Perrot (2019) que trata da mulher artista. Para a autora, trabalhar com a arte sempre foi muito difícil para as mulheres, especialmente a música. Uma das únicas oportunidades de se manter no ramo é na circunstância de cantora lírica; entretanto, não é o caso da personagem Lígia. A mulher, dessa maneira, poderia somente fazer o uso no espaço privado da arte, sendo considerado uma forma de entretenimento ou, na eventualidade de necessitar seguir na área, poderia também dar aulas de música. Augusto, dessa forma, reage com violência ao desejo da esposa, exigindo que ela somente posasse ao seu lado para manter as relações profissionais/sociais e servisse ao seu prazer sexual.

Imagem 5 – Episódio 02 – “Garotas não são bem-vindas” – 42min23s



Fonte: *Netflix*

No episódio 03, uma vez mais, Theresa se defronta com uma prática abusiva na revista - o *Mansplaining*. Tal conceito é definido por Stocker e Dalmaso (2016) como uma tentativa de o homem explicar algo à mulher, como se sozinha ela não conseguisse obter a compreensão ou não lograsse realizar determinada tarefa. Nas palavras das autoras, “A verdadeira intenção do mansplaining é desmerecer o conhecimento de uma mulher, desqualificando seus argumentos.” (STOCKER; DALMASO, 2016, p. 684), o que pode ser evidenciado com a discordância da fala de Theresa, que tentava convencer a equipe da importância de uma reportagem, por um dos colegas. Gustavo (Wagner Molina) afirma que o assunto proposto por Theresa não interessa às mulheres, fazendo inclusive chacota da situação. Na cena, apenas as duas funcionárias mulheres permanecem sérias enquanto os homens gargalham.

No mesmo episódio, Adélia sofre novamente com o preconceito racial, dessa vez pelo gesto de Lígia. Ambas ainda não foram apresentadas e Lígia pede a Adélia um copo de água, demonstrando também a

situação da desigualdade social. Em outras palavras, a mulher branca e burguesa, representada pela personagem Lígia, enxergou na mulher negra e pobre, representada por Adélia, apenas uma serviçal apta a lhe servir quando solicitado. Apesar da sutileza com que o tema é abordado, notamos a ocorrência do que Gonzalez (2020, p. 76) designa como "duplo fenômeno do racismo e sexismo"; ambos os preconceitos, quando encadeados, promovem consequências impactantes na mulher negra. Ao refletir sobre a cena retratada na série, notamos que Malu tenta remediar a situação, explicando à Lígia que Adélia é sua amiga; entretanto, não condena o racismo estrutural demonstrado pela amiga de infância e, posteriormente, se desculpa com Adélia.

Um outro tipo de violência que emerge na trama é a violência sexual. Ainda no episódio 03, Lígia é violentada pelo marido Augusto, que chega em casa bêbado e a obriga a manter relação sexual com ele contra a sua vontade. De acordo com a Lei Maria da Penha, caracteriza-se como violência sexual:

Qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; Que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, Que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; Ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos. (BRASIL, 2006).

A violência sofrida por Lígia dentro do casamento é conhecida também como estupro marital, o crime é classificado dessa maneira quando cometido pelo companheiro de relacionamento. Ademais, pode ser considerado estupro marital forçar relação sexual enquanto a vítima está inconsciente, seja dormindo, embriagada ou sob efeito de remédios. A violência sexual cometida pelo cônjuge passa, muitas vezes, despercebida até mesmo pela vítima, pois ainda existe uma cultura que insiste em inferiorizar a posição da mulher dentro do casamento, onde ela deve satisfazer os desejos sexuais do companheiro, deixando de lado a sua vontade e o seu livre desejo de desfrutar ou não de um ato sexual.

A personagem Lígia é a que mais sofre violências na narrativa seriada. O seu relacionamento com Augusto é extremamente abusivo e tóxico, sua existência é baseada em satisfazer as vontades e anseios dele. No episódio 05, Lígia volta a ser vítima de agressão física. O marido, insatisfeito com a apresentação musical dela no clube de música *Coisa Mais Linda*, agride-a novamente. Ela tenta se defender, mas não consegue, pois a força física de Augusto é maior do que a dela. Quem impede que as agressões continuem é Malu, que separa a briga e impõe que Augusto saia do clube.

Depois do ocorrido, Adélia, Malu e Theresa conversam com Lígia, descobrem que as agressões aconteceram em outros momentos e discutem sobre o que poderiam fazer a respeito. Adélia e Malu acreditam que manter a situação em sigilo é a melhor possibilidade, visto a posição social ocupada por Augusto e com medo de prejudicar ainda mais Lígia. Já Theresa fica consternada com a situação e sugere chamar a polícia, porém é impedida por Lígia, que insiste em afirmar que o marido a ama e que foi apenas um momento de

nervosismo da parte dele. Com medo da reação de Augusto, Lígia passa alguns dias no apartamento de Malu.

Durante esse período em que Lígia está afastada de Augusto, ela consegue experimentar uma vida na qual os seus anseios são a prioridade. Ela canta, sai com os amigos, vivencia acontecimentos que a deixam feliz, sem se preocupar em seguir os padrões morais estipulados pelo marido e pela sociedade. No episódio 06, enquanto Lígia se deleita com a possibilidade de ter uma vida sem as projeções impostas pelo marido, Augusto viaja para a Itália a negócios. Eleonora Soares (Esther Góes) aproveita o momento de ausência do filho e providencia o desquite do casal, levando os documentos para que Lígia assine, cortando assim relação com a família.

Ainda nesse episódio, Lígia confia às amigas Malu e Adélia que está grávida de Augusto e que deseja interromper a gestação, pois não tem vontade de ser mãe. Butler (2003) reitera a importância de não entendermos a mulher a partir de um padrão universal, haja vista que as mulheres são distintas e nem todas desejam as mesmas coisas, inclusive

a maternidade. Compreendendo as individualidades de Lígia, as amigas, que são mães, declaram que se esse é o desejo dela, deve ser acatado. Não existindo um espaço adequado/legalizado para realizar a interrupção voluntária da gestação, elas vão até uma clínica clandestina, onde o procedimento é realizado. A temática do aborto segue sendo um tabu na sociedade brasileira, considerado um delito; a prática do aborto pode, inclusive, levar a mulher a ser condenada à prisão.

No episódio 07 da série, o último da primeira temporada, Augusto retorna da Itália e tem uma conversa com a mãe; ele descobre que Lígia assinou os papéis do divórcio e aproveita para confidenciar que não será mais candidato a prefeito do Rio de Janeiro. O diálogo continua com Eleonora enfatizando que Augusto não conseguiu "manter a esposa na linha", causando vergonha para a família e com isso perdendo a oportunidade de ser candidato a prefeito do Rio de Janeiro. Na mesma cena, Eleonora aponta que o filho não é "homem" o bastante, que não tem uma postura rígida e que isso gerou todos os problemas da família. Para finalizar o

ato, a mãe de Augusto mostra fotos de Lígia saindo de uma clínica junto com Malu, local onde a personagem submeteu-se a um aborto. Tais comentários, advindos de Eleonora, evidenciam que o machismo muitas vezes é perpetrado pela própria mulher. Figueiredo (2020, p. 18) aponta que algumas mulheres são "porta-vozes do patriarcado, porque a dificuldade para operar uma mudança reside no fato de os pensamentos dos dominados se basearem nas estruturas de dominação".

As representações de violência contra as mulheres são evidenciadas durante toda a primeira temporada da série, porém um dos eventos que comovem é a morte de Lígia. O último episódio da primeira temporada da série culmina em um feminicídio. Depois de sofrer diversos tipos de agressões durante o casamento, Lígia é morta pelo ex-marido com um tiro no peito. Malu também é vítima das agressões de Augusto e é baleada na barriga, sendo acusada por ele de ser a causadora da destruição do relacionamento do casal.

Imagem 6 – Episódio 07 – “Fantasmas do Natal passado” – 30min50s



Fonte: *Netflix*

Apesar de impactante e trágica, a narrativa seriada imita a realidade de muitas mulheres que também foram mortas por homens apenas por serem mulheres. A morte de Lígia é a maior expressão da violência e do poder masculino, demonstrados por Augusto, isto é, já que ele não consegue dominá-la, tira a sua vida, mostrando superioridade. Sobre essas relações de poder e violência, Alemany (2009, p. 271) assevera que “[...] violências corporais que, como expressão de relações entre poder masculino e sexualidade, fazem parte da aprendizagem da virilidade, e são em geral legitimados socialmente”, portanto, todas as outras violências que a personagem feminina sofreu antes de ser morta passaram despercebidas por grande parte da

sociedade que a rodeava. A sogra de Lígia, Eleonora, acreditava que as agressões sofridas pela nora eram merecidas, uma vez que eram uma forma de punição pela falta de obediência da nora. Apenas as amigas mais próximas rejeitaram as violências contra Lígia, porém não conseguiram fazer muito, justamente pela posição inferior em que eram alocadas na sociedade.

Os casos de mulheres assassinadas são crescentes na atualidade; em 2021, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a cada sete horas uma mulher foi vítima de feminicídio no país. No Brasil, o crime de feminicídio foi instituído apenas em 9 de março de 2015, com a Lei nº 13.104, conhecida como Lei do Feminicídio, que foi promulgada pela presidente Dilma Rousseff. Com a nova lei, o feminicídio tornou-se um crime hediondo, na qual a pena dos assassinos varia entre 12 e 30 anos.

Há um espaço temporal de mais de 50 anos entre a série e o momento em que de fato o feminicídio é reconhecido como tal perante a sociedade. Nesse período, milhares de mulheres tiveram suas vidas ceifadas

por não se adequarem ao ideal de feminino estipulado pela sociedade. De acordo com a Rede de Observatório da Segurança - instituição que tem como objetivo monitorar e difundir informações sobre segurança pública, violência e direitos humanos – “no passado, casos de mortes e agressões contra mulheres eram tratados como legítima defesa da honra, ou como consequência de forte emoção, pela justiça e pela imprensa, culpabilizando a vítima.” (2021, p.10). Nos anos de 1950 e 1960, momento em que se desenvolve a trama da série, não havia nenhuma lei que as protegesse das violências sofridas apenas pela condição de gênero, é importante destacar estes dados, pois, na época as leis brasileiras ainda reproduziam a ideia de que o homem era superior à mulher, permitindo que as violências acontecessem sem nenhum tipo de punição.

### **Considerações finais**

Ao analisarmos a narrativa seriada brasileira *Coisa Mais Linda* (2019), suas personagens femininas e as questões elencadas sobre as formas de violência contra as mulheres, torna-se inegável a

necessidade de um maior debate acerca de tais assuntos, bem como um aprofundamento da análise da série,. Caberia ainda um estudo de *Coisa Mais Linda* (2019) no que se refere a sua recepção para sabermos o quanto a narrativa seriada poderia nos afetar, ao intercalar nuances e cenas explícitas de violência contra as mulheres, a partir da aceitação da sociedade e, em certos momentos, das próprias mulheres, devido ao fato de tais ações e comportamentos estarem fixados no pensamento do corpo social.

Alguns aspectos da condição das mulheres no século XIX persistem ainda na contemporaneidade. Um dos desafios vivenciados pelas personagens femininas de *Coisa Mais Linda* (2019) é a questão da desigualdade enfrentada na vida profissional. Nessa perspectiva, destacamos o que discutiu Virginia Woolf em *Um teto todo seu*, publicado pela primeira vez em 1929, e no ensaio “Profissões para mulheres”, de 1931, quando assevera que mesmo no século XX a mulher escritora, por exemplo, depende financeiramente de um homem, seja ele o pai, seja ele o marido; além do mais, Woolf nos

apresenta a figura do "Anjo do Lar" - símbolo de mulher perfeita, recatada, prudente, prestativa, que deve ser morta para que a verdadeira mulher resista. Dessa maneira, Malu, Lígia, Adélia e Theresa, mesmo sendo personagens ambientadas no ano de 1959, simbolizam a morte do anjo doméstico e representam a superação das dificuldades impostas às mulheres quanto ao âmbito profissional.

Outra perspectiva a ser considerada é a da violência simbólica que permeia toda a narrativa seriada e todas as personagens femininas analisadas se deparam com ela. Como vimos, é o poder do homem estruturado em uma sociedade patriarcal, como exposto por Saffioti (1987), enleado à sutileza e à "normalidade" dessa forma de violência, discutida por Bourdieu (2017) e por Martínez (2011), que contribuem para a sua perpetuação, inclusive até a hodiernidade. Relembramos o que aborda Colling (2019, p. 107):

A explosão dos conceitos como igualdade e liberdade trazida pela história das mulheres e das relações de gênero e poder permitiu uma releitura do passado, uma prestação de contas entre memória e história.

A noção de gênero obrigou a repensar a visão androcêntrica da historiografia e apontou possibilidades de novas explicações da sociedade e da história que exigiu a consideração de todos os sujeitos implicados nela.

Tendo em vista o excerto e a disponibilização da série *Coisa Mais Linda* (2019) na plataforma da *Netflix*, compreendemos a importância da elaboração de personagens femininas como Malu, Lígia, Adélia e Theresa, para representarem por meio da ficção as mulheres em situações de violência.

Nessa lógica, ainda ressaltamos a importância de se dialogar sobre a violência sexual, física e o feminicídio. Na narrativa seriada, Augusto representa a figura central de uma família carioca de prestígio vivendo em um ambiente patriarcal, que se vê no direito de agir violentamente contra a mulher. As suas ações se desenvolvem de maneira gradativa até atingirem o ápice - o assassinato de sua ex-companheira. A construção de uma personagem masculina respeitada no espaço social e agressiva no ambiente familiar, capaz até de matar, está ligada à preservação da honra masculina.

Por fim, embora o objetivo do artigo não tenha sido o estudo de recepção da série, não podemos deixar de inferir que a experiência com as séries pode gerar debates, questionamentos e até mesmo identificação com o que se narra, fato que possibilita uma ampliação das discussões que permeiam os grupos feministas, atingindo outros estratos da sociedade. Neste sentido, é possível indagarmos se o seriado poderia auxiliar a transformação de mentalidade e de comportamento, já que ao ver a série, os espectadores podem controverter preconceitos enraizados socialmente e despertar seu interesse para questões relativas às mulheres e aos feminismos, o que nos leva a considerar a importância das narrativas seriadas para a atual sociedade brasileira.

### Referências:

ALEMANY, Carme. Violências. In: HIRATA, Helena et al. (orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 271- 276.

BARRANCOS, Dora. *História dos feminismos na América Latina*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BRASIL. *Lei Maria da Penha*. Lei N.º 11.340, de 7 de agosto de 2006.

BUONANNO, Milly. Serialidade: continuidade e ruptura no ambiente midiático e cultural contemporâneo. *MATRIZES*, v. 13, n. 3, p. 37-58, set./dez. 2019.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERQUEIRA, Daniel et al. *Atlas da Violência 2021*. São Paulo: FBSP, 2021.

COISA Mais Linda. 1ª temporada. Direção: Caíto Ortiz, Hugo Prata e Julia Rezende. Produção: Giuliano Cedroni e Heather Roth. Netflix. Brasil, 2019, son., cor. Netflix. Acesso em: mar. 2019.

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados: UFGD, 2019.

COMPARITECH. *Netflix subscribers and revenue by country*. Disponível em: <https://www.comparitech.com/tv-streaming/netflix-subscribers/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Formas de violência contra mulher*. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/violencia-contra-a-mulher/formas-de-violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em: 14 jul. 2021.



CURI, Pedro Peixoto. Diante do quebra-cabeças: reflexões sobre a serialidade narrativa, uma cultura das séries e a serialização do consumo. In: SOUZA, Maria Carmem; ALVES, Lynn (orgs.). *Narrativas seriadas: ficções televisivas, games e transmídias*. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 63-85.

ECO, Umberto. A Inovação no seriado. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

EDE, Esther Van. *Gaps and recaps: Exploring the binge-published television serial*. Utrecht: Utrecht University, 2015.

FBSP. *Violência contra mulheres em 2021*. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2022.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. [organização: Flavia Rios e Márcia Lima]. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado. In: *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019. p. 261-280.

MARTÍNEZ, Julia Evelyn. Violência simbólica contra mujeres. *Pueblos*. Dez. 2011. Disponível em: <http://www.revistapueblos.org/old/spip>.

[php?article2290](#). Acesso em: 21 jan. 2020.

McMCANN, Hannah *ET al.* *O livro do feminismo*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MURRAY, Janet H. *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Itaú Cultural; Unesp, 2003.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP), 10, Monterrey, Nuevo León, México, 2019. *Anais [...]*. s. l.: ALACIP; Asociación Mexicana de Ciencias Políticas A.C. (AMECIP); Tecnológico de Monterrey, 2019. Disponível em: <https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2022.

PERROT, Michelle. A vida de artista. In: *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 101-107.

REDE DE OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA. *A dor e a luta das mulheres: números do feminicídio*. Rio de Janeiro: CESeC, 2021.

SACCOMORI, Camila. *Práticas de binge-watching na era digital: novas experiências de consumo de seriados em maratonas no Netflix*. [Mestrado em Comunicação Social]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6726>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Papéis sociais atribuídos às diferentes categorias de sexo. In: *O poder do*

*macho*. São Paulo: Moderna, 1987. p. 8-20.

STOCKER, Pâmela Caroline; DALMASO, Silvana Copetti. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. *Estudos Feministas*, v. 24, n. 3, p. 679-690, set./dez. 2016.

TELES, Maria A. de Almeida; MELO, Mônica de. *O que é violência contra a mulher*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres. In: *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

ZIRBEL, Ilse. Ondas do Feminismo. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v. 07, p. p.10-31, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulhere-snafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/03/Ondas-do-Feminismo.pdf> . Acesso em: 27 nov. 2022.